

ARTÉRIAS RACIAIS NO CORAÇÃO DO MUNDO: IMPÉRIO E IMPROPÉRIO EM JOSEPH CONRAD E CHINUA ACHEBE

Profa. Dra. Sueli Meira LIEBIG (UEPB)

Resumo:

Propomo-nos a analisar neste trabalho a denúncia de Chinua Achebe de que a novela *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad (1902), não passaria de uma distorção da realidade do africano e do seu continente, numa narrativa eivada de impropérios que vão desde a supostamente grotesca figura do nativo sob o jugo do império belga, passando pela obliteração da sua cultura e enfim pela negação da sua própria humanidade. Para a consecução deste objetivo, servimo-nos dos aparatos teórico-críticos de Edward Said (2011); Vladimir Lênin ([1917] 1987); Albert Memmi (2007); Claudemar Fernandes (2008); Eric Sipyinyu Njeng (2008); Silva & Silva (2008) e Eni Orlandi (2012), dentre outros. Estes estudos irão apontar para algumas questões relacionadas à veia escorregadia da crítica pós-colonial, demonstrando que o romance **O Mundo se Despedaça** (1958), de Achebe, não só carece de sustento para as bases das acusações feitas a Conrad, mas também desemboca num relativismo que termina por equipará-lo ao seu opositor.

1 Introdução

A ideia de **império** surgiu já na Roma antiga, entendida como a extensão do próprio Estado e erguida a partir da colonização. A política colonial imperialista já existia antes mesmo do capitalismo, mas a palavra **imperialismo** veio a surgir no século XIX, atingindo o seu ápice entre 1890e 1914, servindo ainda hoje para nomear as práticas militares e culturais arquitetadas pelas potências econômicas para subjugar outros Estados. A estupenda extensão mundial do imperialismo europeu ocidental ainda lança sombras consideráveis sobre a história da nossa própria época. O crítico literário palestino Edward Said assegura que “atualmente, não existe nenhum norte-americano, africano, europeu, latino-americano, indiano, caribenho ou australiano que não tenha sido afetado pelos impérios do passado” (SAID, 2011, p.9).

Justificando-se pelo apelo ao tema do XIII Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada, que prioriza as tradições nacionais e linguísticas com implicações imperialistas, este estudo se debruça sobre as relações contextuais e dialógicas existentes no estudo comparatista entre a novela *O Coração das Trevas* (1902), do polonês naturalizado britânico Joseph Conrad e o romance-resposta *O Mundo se Despedaça* (1958), do nigeriano Chinua Achebe.

As controvérsias em torno do preconceito racial apontado na obra de Conrad por Achebe são aqui tratadas sob um ponto de vista equidistante de quaisquer polarizações essencialistas ou políticas, levando-se em consideração questionamentos instaurados na própria fatura do discurso de Achebe, aventando-se as seguintes questões: a) A partir de que substrato Chinua Achebe consubstancia a sua denúncia de racismo na obra de Conrad? b) Se racismo é a crença em um povo com traços genéticos e culturais marcadamente inferiores, onde essa assertiva é apresentada ou insinuada em *O Coração das Trevas* ? c) Não seria a queixa do nigeriano de que os africanos são rotulados como bárbaros uma mera confusão entre as expressões culturais e os níveis civilizatórios entre a Europa e a África evidenciados por Conrad? d) Seria racismo o fato de Conrad considerar o nível de civilização do Congo do começo do século XX inferior ao de Londres? e) Negar tais diferenças não seria também uma espécie de relativismo empírico por parte de Achebe? f) Seriam as diferentes teorias de ambos os autores sobre a arte o motivo da discórdia

de Achebe?

Em suma, este estudo se propõe, senão a encontrar a chave para as respostas a perguntas como estas, pelo menos a considerar se a obra de Achebe não seria mais um ataque político, um confronto ideológico do que propriamente crítica a uma obra literária. À guisa de contextualização, trataremos de forma panorâmica algumas questões históricas, políticas e antropológicas que nos farão compreender melhor os posicionamentos destes dois escritores frente à experiência de cada um com o impasse das relações étnico-culturais evidenciadas nas suas respectivas obras.

2 A partilha do mundo

Silva e Silva (2010) afirmam que o conjunto das práticas que constitui o **imperialismo** começou a tomar corpo a partir do final do século XIX na Europa Ocidental, com a concorrência entre as economias capitalistas, propiciando o surgimento do capitalismo monopolista. Advindo da formação desses monopólios, o imperialismo ensejou entre trustes e cartéis uma grande disputa por fontes de matérias-primas. Uma vez dominado o mercado interno em seus respectivos países, as potências precisavam espalhar-se para além de suas fronteiras, transformando o crescimento econômico em expansão territorial.

Desta forma, o período entre 1870 e 1914 foi marcado pela conquista política e militar de outras terras, e quase todo o planeta, excetuando-se a Europa e a América, foi partilhado em territórios dominados pela Inglaterra, França e Alemanha. O *status* de potência estava associado ao número de territórios conquistados, tendo como pano de fundo a expansão mundial das relações capitalistas de produção. O imperialismo também teve raízes políticas e culturais, entre as quais se ressaltavam teorias racistas como o darwinismo e a eugenia, que disseminavam a crença na superioridade cultural e racial dos brancos.

A partilha da África, continente tido como selvagem, rico em recursos naturais e portanto ampla fonte de matérias-primas, fez com que as grandes potências, notadamente a Inglaterra, interviessem na transformação dos seus territórios dominados em colônias. Vladimir Lênin (1987 [1917]) assegura que no fim do século XIX grandes líderes políticos da Grã-Bretanha, como Cecil Rhodes e Joseph Chamberlain, punham em prática as práticas imperialistas como “uma política autêntica, sábia e parcimoniosa” (LÊNIN, 1987, p.77), insistindo na concorrência que a Alemanha, a América e a Bélgica faziam à Inglaterra no mercado mundial. Somente a posse de colônias daria ao monopólio completa garantia de sucesso face a todas as eventualidades da luta contra os seus rivais; quanto mais se desenvolvesse o capitalismo, mais matérias-primas seriam necessárias e portanto mais territórios deveriam ser ocupados e subjugados. Assim aconteceu com o Congo, colônia belga cuja impiedosa exploração é descrita e criticada por Joseph Conrad em *O Coração das Trevas*. O território era tido como colônia particular do rei Leopoldo II da Bélgica, tirano que vitimou os povos que viviam naquele imenso território que ele, no alto da sua imensa arrogância e concupiscência, reclamou para si próprio e rapidamente transformou numa selva de insanidade moral, um verdadeiro teatro de horrores o ar livre.

Embora não sendo um escritor politicamente engajado, Conrad leva o leitor aos meandros da condição humana ao apresentar o tratamento desumano aplicado aos congolezes. A colonização belga do Congo chegou a trucidar entre 8 e 10 milhões de seres humanos. Um genocídio comparável ao holocausto, um pavor que Conrad descreve com as rubras tintas do sangue dos inocentes e com a alusão aos macabros troféus em forma de mãos e pés decepados aos milhares.

Emerson Santiago (2011) nos dá conta de que ao assumir o trono do pequeno reino da Bélgica, o déspota Leopoldo II logo manifestara sua intenção de entrar na corrida colonial. A jovem Nação de pouco mais de quarenta anos, chegando atrasada à corrida pela divisão dos territórios, foi atraída pelo vasto espaço existente no centro do continente africano, por se tratar de uma densa mata, até então desconhecida. O monarca inicia sem demora uma campanha

publicitária salientando o princípio “humanista” de seu interesse na África e envia o famoso explorador norte-americano Henry Morton Stanley para explorar e catalogar o imenso território, travando negociações com vários chefes locais e garantindo formalmente a soberania belga sobre o território hoje nomeado República Democrática do Congo. Na desenfreada busca pelo retorno financeiro da sua empreitada colonial, Leopoldo começa a se utilizar de meios coercitivos que não poupam qualquer espécie de violência para obter a necessária força de trabalho da população local, imediatamente escravizada. A borracha e o marfim são eleitos como principais matérias-primas a serem extraídas da colônia e os africanos são postos sob a mira de armas para trabalharem por até 18 horas diárias, sob pena de terem a mão direita cortada caso não atinjam a cota estabelecida. Sendo forçados a abandonar suas pequenas lavouras de subsistência, e sem alimentos, logo se segue uma impiedosa crise de fome. No início do século passado, a calamidade chegaria ao seu ápice. A matança e mutilação de seres humanos fugira totalmente até dos padrões considerados normais pelas as potências colonialistas, que começam a fundar associações humanitárias defendendo o fim da colonização belga, contando com o apoio irrestrito da mídia. É no auge das preocupações com a situação no Congo que surge a novela *O Coração das Trevas* (*Heart of Darkness*), cuja história retrata fielmente a mísera condição humana dos congolese aprisionados e desumanizados.

A pressão mundial recairia sobre o rei da Bélgica, que tinha a possessão como sua propriedade particular, tornando-se para ele insustentável. Em 1908 chegaria ao fim o Estado “Livre” do Congo, irônico nome dado por Leopoldo à sua colônia, com a entrega dos direitos do território ao Estado belga. A partir daí, surgiria o chamado “Congo Belga”, que iria manter uma administração rígida, porém menos truculenta que a exercida pelo insidioso Leopoldo.

Em *Imperialismo, fase superior do Capitalismo* Lênin ([1917] 1987) comenta que para por um fim à questão da partilha do mundo falta-nos observar que a literatura americana nos dias subsequentes à Guerra Hispano-americana, e a literatura inglesa pós Guerra Anglo-boer não foram as únicas a esclarecer o reparte do globo. A literatura alemã, que observou de perto e com certa inveja o imperialismo britânico, não foi a única a formular um julgamento sistemático a respeito do fato: na literatura burguesa da França o historiador Driault comenta que “... ressaltando a China, todos o lugares vagos do globo foram aprisionados pelas potências da Europa ou da América do Norte” (LÊNIN, Idem, p.85). Referindo-se ainda à febre da expansão colonial, o autor ainda observa que

Nesta partilha do mundo, nesta ardente corrida aos territórios e aos grandes mercados da terra, a importância relativa dos Impérios fundados neste século – Século XX – não está de modo algum em proporção com o lugar que as nações que os fundaram ocupam na Europa [...]. O imperialismo modificou já e modificará cada vez mais as condições políticas da própria Europa. (DRIAULT, 1907, apud LÊNIN, 1987, p. 86)

3 O protetorado colonial e seus desdobramentos

Em *Cultura e Imperialismo* (2011) Edward Said produz uma esclarecedora crítica literária ao investigar de que maneira as ideias imperialistas influenciaram e continuam influenciando a política e a cultura ocidentais. Ele chega à conclusão de que a ficção ocidental dos séculos XIX e XX e os meios de comunicação em massa contemporâneos podem se transformar em poderosas armas de conquista, além de observar as vozes de oposição dos nativos na literatura dos países colonizados. Segundo ele, o império britânico, juntamente com outros impérios, veio a unificar o planeta. Entretanto, jamais seremos capazes de apreender em toda a sua totalidade o mundo imperial: os cruzamentos entre cultura e imperialismo são inevitáveis. O chamado “Imperialismo clássico” chegou ao fim com o desmantelamento das grandes estruturas coloniais após a Segunda Guerra Mundial, mas continua exercendo, de um modo ou de outro, uma larga influência cultural até os dias atuais.

Assim, a herança imperial de anos de colonialismo continua até o presente a afetar, em

todas as práticas sociais, políticas e ideológicas, as ainda estreitas relações entre o Ocidente e o mundo por ele repartido e colonizado.

A este respeito, ou contra este legado, o escritor nigeriano Chinua Achebe assim se pronuncia:

A meu ver, é um grave crime qualquer pessoa se impor a outra, apropriar-se de sua terra e de sua história, e ainda agravar esse crime com a alegação de que a vítima é uma espécie de tutelado ou menor de idade que necessita de proteção. É uma mentira total e deliberada. Parece que até o agressor sabe disso, e é por essa razão que ele às vezes procura camuflar seu banditismo com essa hipocrisia tão descarada [...] Assim como toda a Europa contribuiu para a construção do terrível personagem de Mr. Kurtz em *Coração das trevas*, de Conrad, da mesma forma toda a Europa colaborou na criação dessa África que Kurtz foi libertar e que acabou apenas subjugando a um terror obscuro.
(CHINUA ACHEBE, 2009, p. 9)

Na epígrafe acima, retirada do ensaio “A Educação de uma Criança sob o Protetorado Britânico”, Achebe parece condensar toda a revolta do escritor africano contra o colonizador europeu e suas práticas desumanas. De acordo com ele, seria tolice tentar estabelecer um paralelo entre o domínio colonial britânico na Nigéria e as escabrosas atividades de “Sua Serena Majestade Leopoldo II” no Congo. Nisto há diferenças consideráveis. Entretanto, não se pode negar que todas as potências europeias que participaram da corrida à África contribuíram para a construção do terrível personagem de Mr. Kurtz em *Coração das trevas* de Conrad como da mesma maneira a Europa como um todo colaborou na criação dessa África que Kurtz foi resgatar e acabou subjugando a um “terror obscuro”.

4 Achebe, Conrad e a visão da África

Depois da II Guerra Mundial, muitos africanos, asiáticos e povos de outros países lutaram pela sua independência política do jugo colonialista europeu. A batalha pelo reconhecimento das suas culturas de origem foi uma parte importante desse processo político e as décadas de 1960 e 1970 testemunharam uma profusão de escritos oriundos dessas colônias recém-libertas. Chinua Achebe, um dos mais proeminentes escritores desta geração trouxe para o mundo anglófono um retrato da cultura nigeriana.

Recusando-se a admitir a visão da África pintada por Conrad em *O Coração das Trevas* por considerá-la um reflexo dos pressupostos racistas da Europa sobre a negrura e a inferioridade dos africanos, Achebe publica o ensaio intitulado “Uma imagem da África: Racismo em *O Coração das Trevas*, de Conrad (1977), que se torna a pedra angular da sua crítica anticolonialista. Sua primeira obra ficcional, *O Mundo se Despedaça*, retrata a tradicional cultura do povo Igbo em choque com a cultura europeia, expondo uma visão nacionalista que contesta os mitos do colonizador e as distorções sobre a África e os africanos. Achebe argumenta que embora a novela *O Coração das Trevas* critique a missão imperialista europeia, apresenta os africanos como selvagens, sub-humanos e incapazes de falar. Ele condena tal visão como ofensiva e deplorável, ao mesmo tempo em que focaliza o seu ataque não exatamente em Conrad, mas na posição crítica do seu texto canônico como obra-prima, a despeito do racismo nele contido. O professor nigeriano questiona, desta forma, o próprio cânone ocidental e os valores sociais e morais da arte.

Pressupondo uma teoria social da obra literária e rejeitando os preceitos apregoados pelos defensores da *art for art's sake* (arte pela arte) ele não compactua com a visão estética de que devemos apreciar uma obra de arte pelos seus méritos linguísticos e estilísticos, mas pelos valores sociais que ela reflete e propaga.

As opiniões aqui se dividem: alguns estudiosos são da opinião de que Conrad se opõe ao imperialismo europeu e que simpatiza com a causa dos africanos, solidarizando-se com o seu sofrimento, ideia com a qual pessoalmente também compactuamos. Outros, com visões menos

pragmáticas ou talvez mais filosóficas, argumentam que a novela não representa uma África real, mas a alegoria da decadência psicológica de um indivíduo numa batalha descontextualizada entre o bem e o mal. Há aqueles que acham que narrativas como *O Coração das Trevas* são inconsistentes na sua visão racista por enxergarem África com olhos ocidentais. Alguns mais moderados, embora admitam o racismo embutido na obra defendem que de certa forma a visão de Conrad representa um relativo progresso em relação à percepção que se tinha do negro naquela época. Pensamos que basta termos em mente a influência das teorias de Darwin sobre o pensamento da época e já teríamos motivo para concordar com tal progresso.

Além do impacto causado pela crítica de Chinua Achebe à obra de Conrad, a sua denúncia tomou proporções maiores durante as chamadas “guerras culturais” dos anos 1980 e 1990, em que alguns críticos tentaram impor padrões morais e políticos às obras literárias clássicas sob a égide do “politicamente correto”, posicionamento adotado por Achebe; os tradicionalistas levantavam a bandeira de que as obras canônicas exibiam um alto valor estético já caucionado pelo tempo e só sob esse aspecto deveriam ser julgadas, como no caso da obra de Conrad; já os críticos pós-colonialistas, afro-americanos, feministas, orientalistas etc., contestavam um cânone literário pautado em valores sexistas, homofóbicos, gays, racistas, religiosos e outros valores tidos como negativos. Desnecessário dizer que estas opiniões conflitantes repousam nas diferentes teorias sobre a arte que cada grupo advoga.

Alinhado com o pensamento do romancista e crítico queniano Ngugi wã Thiong’o e outros, Chinua Achebe vem pregando a descentralização das representações culturais ancoradas no imperialismo, em favor de uma perspectiva crítica sob a ótica do colonizado. Ao defender uma voz nativa distinta que efetivamente represente a própria experiência dos africanos, Achebe tem influenciado no desenvolvimento dos estudos pós-coloniais, tanto quanto na literatura e na crítica afro-americanas.

5 Colonizador x colonizado: sujeito, ideologia e discurso

Claudemar Fernandes (2008) observa que a produção de sentidos de um texto se cristaliza através dos lugares ocupados pelos sujeitos no jogo interlocutório. Desta forma, uma mesma palavra toma sentidos diversos de acordo com o lugar socioideológico de quem a emprega. É a partir daí que a língua se insere na história no mesmo momento em que a constrói, produzindo sentido. As condições de produção, neste caso, constituem basicamente os sujeitos e a situação social envolvida. Citando Pêcheaux, o autor atenta para o fato de que “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em si mesmo[...], mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico, no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas” (PÊCHEAUX, 1997b, p. 190, apud FERNANDES, 2008, p.16).

Baseados no argumento acima nos sentimos à vontade para nos posicionarmos a respeito da ideia de Achebe sobre o racismo embutido na obra de Conrad: _ Não seria a queixa do nigeriano de que os africanos são rotulados como “bárbaros” uma mera confusão entre as expressões culturais e os níveis civilizatórios entre a Europa e a África evidenciados por este último?

Segundo Orlandi ,

É a ideologia que fornece as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito. É aí que se sustenta a noção de literalidade: o sentido literal, na concepção linguística imanente, é aquele que uma palavra tem independentemente de seu uso em qualquer contexto. [...] no entanto, se levamos em conta na análise do discurso a ideologia, somos capazes de apreender, de forma crítica, a ilusão que está na base do estatuto primitivo da literalidade: o fato de que ele é produto histórico, efeito de discurso que sofre as determinações dos modos de assujeitamento das diferentes formas-sujeito na sua historicidade e em relação às diferentes formas de poder. (ORLANDI, 2012, p. 52)

Produto do ranço histórico do darwinismo e das teorias eugenistas gestadas durante o século XIX, os africanos retratados por Conrad são seres esquilidos e rastejantes, de olhar perdido, sem nome, voz, ou identidade. _Mas, perguntamo-nos, poderia ser de outra forma? Conrad é tributário da cultura vitoriana que o envolvia. Alguns detalhes do seu vocabulário que hoje são desconcertantes para o leitor não eram percebidos assim na época em que o autor escreveu a novela.

O professor pesquisador Luis Felipe Alencastro, no posfácio da primeira edição brasileira da obra (2008), nos diz que “durante seis meses, de 1890 para 1891, Conrad viveu na África Central a serviço de uma companhia belga sediada em Bruxelas, o que lhe valeu de laboratório para a o trabalho ficcional, que constitui “uma história na história”. A percepção que ele tem da figura alquebrada do nativo, feito *tabula-rasa* pelo colonizador nos prece mais um protesto, quanto à ambição desmedida que leva às trevas do coração, do que propriamente a estereotipização da imagem desumanizada do negro. Assim, no nosso entendimento, a narrativa de Conrad vai fazendo o leitor perceber a condição humana e a apiedar-se da situação do escravo africano muito mais vezes do que possa causar prejuízo à imagem do oprimido quando adjetiva como “selvagem”, “bárbaro”, “figura grotesca” e outros corolários.

Sujeito ao erro, ao jogo, ao acaso tanto quanto à rega, ao saber e às necessidades, como diz Orlandi, o homem se significa:

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos e também pela sua memória discursiva, por um saber/poder, dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. (ORLANDI, 2012, p.53)

Assim, o tratamento dado aos nativos por Conrad não nos parece tão depreciativo quanto a leitores mais tradicionalistas como Achebe. Há sempre, como defende Orlandi (2012, p.55), “o incompleto, o possível pela interpretação outra”. Esperamos que a leitura da passagem seguinte illustre o nosso ponto de vista: “Havia formas negras acoradas, deitadas, sentadas entre as árvores, apoiadas nos troncos, coladas à terra, meio reveladas e meio ocultas pela luz atenuada, em todas as posturas da dor, do abandono e do desespero” (CONRAD, 2008, p. 30).

Acompanhando o raciocínio de Fernandes (2008), podemos dizer que a língua se insere na história e, enquanto produz sentido, também a constrói. Através da linguagem empregada pelos escritores das duas obras estudadas é que tanto um quanto o outro vão construindo a história de acordo com suas respectivas formações ideológicas: sob o ponto de vista e Conrad, as palavras empregadas com referência ao colonizado constroem a história do outro, o estranho, enquanto que a supervalorização da cultura africana feita por Achebe em *O Mundo se Despedaça* traduz o “incompleto”, o que do ponto de vista dele é o ponto mais crucial, a obliteração da cultura africana.

6 As obras confrontadas

No ensaio intitulado "Achebe, Conrad, and the Postcolonial Strain" (Achebe, Conrad e o perigo pós-colonial), o crítico burundiano Eric Sipyinyu Njeng (2008) nos apresenta uma análise pós-colonialista de *O Mundo se Despedaça*, cuja tese se sustenta no fato de que enquanto o texto de Achebe pretende ser um contradiscurso a *O Coração das Trevas*, acusando a obra de racista, o seu próprio texto representa na verdade uma espécie de antiafricanismo, pela subserviência que presta aos valores ocidentais.

Examinando a *intentio operis* em *O Mundo se Despedaça*, especialmente quando centrada em Okwonkwo, o protagonista, Njeng argumenta que Achebe corrobora o perfil do africano traçado por Conrad. Ao escrever o livro, o autor cai, mesmo que subliminarmente, no “engodo do escritor pós-colonial”, resistindo mas ao mesmo tempo seduzido pela ideologia ocidental. No

romance existe uma tentativa de esconder a sua admiração pelo Ocidente ao retratar Okwonkwo inicialmente como um personagem de destaque, para mais adiante, no curso da narrativa, matar o seu desejo de diminuir-lhe o *status*. O crítico observa que a caracterização feita por Achebe é centrífuga, ou seja, ele alinhava os fatos da história para que ela se desenvolva de tal modo que Okwonkwo seja sistematicamente retirado do centro da trama. Essa descentralização do protagonista o diminui tanto quanto os valores africanos que ele deve representar. A “estética centrífuga”, pondera Njeng, satisfaz a intenção do autor de suplantar os traços africanos pelos valores ocidentais, criando espaço para que o antagonista ganhe terreno ao sobrepor a religião e a cultura africanas pela ideologia hegemônica do Ocidente. Njeng ainda arremata a questão postulando que o romance apela ao público ocidental porque Achebe lhe confere o lugar central que sempre ocupou, desta forma reverberando o discurso do Outro.

A crítica de Njeng nos parece ferina ao ponto do exagero, pelo menos no nível da ação consciente e proposital de Achebe, mas negar algumas evidências textuais da obra do nigeriano seria desembocar numa espécie de relativismo, senão vejamos a passagem seguinte:

Okwonkwo sabia que ela[uma das suas mulheres] não estava dizendo a verdade: Foi para o seu *obi* para aguardar o regresso de Ojiugo. E quando esta voltou, espancou-a brutaemente. [...] Suas duas outras esposas saíram correndo, muito assustadas, a implorar-lhe que parasse, que aquela era a semana sagrada. Porém Okwonkwo não era homem que deixasse uma surra a meio caminho, mesmo por temor a uma deusa. (ACHEBE, 1983, p. 35)

A espiritualidade do protagonista é trazida à cena quando ele deixa que a sua personalidade agressiva o leve a cometer atos abomináveis que vão enviá-lo para o exílio e o consequente suicídio; atos que o reduzem à nulificação perante a comunidade. Esta e várias outras passagens do romance retratam o protagonista como alguém que possui uma personalidade mecânica, um mero robô a quem faltam assertividade e intuição, não correspondendo aos padrões que se esperam de um representante da cultura e dos valores nativos. Ao menosprezar um dogma da sua religião, não estaria Okwonkwo imitando o comportamento de Marlow em relação às raízes da etnia africana? Além do mais, Njeng observa que a visão em *O Mundo se Despedaça* não são muito diferentes da visão de Conrad; na verdade, há paralelos evidentes entre a obra do inglês e a de Achebe. Da mesma maneira que Conrad, Achebe nega ao protagonista o recurso da fala: ele sofre de gagueira, e todas as vezes que está furioso e as palavras não lhe saem convenientemente usa os pulsos para esmurrar o ar. Como tal personagem é construído com a intenção de representar o africano pré-colonial? A partir de que substrato, ou com qual autoridade Achebe consubstancia a sua denúncia na obra de Conrad se nem o seu herói consegue ser verdadeiro?

Conclusão

Sabemos que a psicologia do Ocidente nutre um desejo de conferir ao continente africano o *status* de complemento da Europa, como um *locus de* negatividade às vezes remoto e vagamente familiar. *O Coração das Trevas* projeta uma imagem da África como o mundo do Outro, o reverso de si mesma e portanto da civilização. O Rio Tamisa seria uma espécie de benfeitor da raça negra, em contraponto ao Rio Congo, ao qual não se credita o mínimo benefício. Esta sentença proferida pelo narrador de Conrad parece ser a epítome da novela: “... a sensação da presença da selvageria. A selvageria mais extrema se fechara à sua volta toda aquela vida misteriosa e desconhecida que pulsa nas matas, nas florestas, no coração dos homens selvagens...” (CONRAD, 2008, p. 14)

A descrição que Conrad faz dos nativos é fragmentária: olhos, pernas, corpos,, etc. Como romântico que era, o autor desejava a ordem, ver todas as coisas nos seus devidos lugares. A tragédia começa no momento em que as coisas deixam a segurança do seu lugar de costume, para dar uma espiada no coração das trevas. O Contraste, por exemplo, entre a concubina nativa de Kurtz e a namorada europeia de Marlow. Os nativos da obra de Conrad são privados da linguagem,

apenas emitem sons rudimentares e ininteligíveis. Poderíamos até argumentar que são as atitudes do narrador e não as do autor que estão ali representadas, mas Achebe pensa que Conrad aprova Marlow apenas com pequenas restrições. Marlow é retratado como testemunha da verdade e uma das pessoas que defendem as visões “humanitárias” próprias da tradição liberalista inglesa.

O narrador de Conrad não considera os nativos como seus iguais ou irmãos; o mais próximo que ele admite chegar dos africanos é de um parentesco distante, mas mesmo assim ele poupa menos os europeus: o seu objetivo é ridicularizar a missão civilizadora na África. O continente africano serve como pano de fundo para a insanidade do Sr. Kurtz. A intrigante charada parece estar no fato de que ao reduzir a África ao papel de escore para o desintegrar a sanidade de uma mente europeia. Achebe (1977) pertinentemente afirma que a África parece estar para a Europa como o retrato está para Dorian Gray, um invólucro ou moldura em que o Senhor descarrega as suas deformidades físicas e mentais a fim de desfilar para o mundo a sua postura ereta e imaculada. Consequentemente, a África é algo a ser evitado, tanto quanto a pintura tem que ser escondida para a salvaguarda da integridade do criminoso.

Finalizando, enquanto a maioria dos estudiosos africanos considera *O Mundo se Despedaça* como um contradiscurso a *O Coração das Trevas*, compactuamos com a visão de Njeng de que a veia principal do romance mal sustenta as justificativas dessa visão. O romance de Achebe, mesmo que inconscientemente, ratifica a inevitável rendição dos africanos ao colonialismo. A falta de intuição e reflexão do herói de Achebe o leva a cometer atos transgressores que num primeiro momento o banem da sua comunidade para depois levá-lo à derrocada: desgraça e desonra. Até mesmo os nativos convertidos não estão exatamente certos do que estão fazendo. O autor nigeriano reduz os africanos a um retrato infantilizado do que pensam deles os ocidentais quando capturam Ogbuefi Ugonna, um ancião que abandona o cristianismo. Convidado para fazer parte do sacramento da comunhão, Ugonna pensava na cerimônia em termos de comida e bebida, só que mais sagrada do que as festas da vila. Desta forma, Achebe parece concordar com a visão colonialista de que a África era pobremente organizada, subsidiada e medida pelos valores ocidentais e a sua ideologia.

O fato é que, como preceitua Memmi (2007), ao se limitar a escrever na língua do colonizador, o escritor colonizado irá se entregar a “caretas e contorções” para desculpar-se; para eximir-se da culpa da traição, pois estará escrevendo predominantemente para a ex-metrópole, de quem espera consagração. Até mesmo quando critica *O Coração das Trevas* Achebe faz uma analogia à condição do subalterno africano com uma obra canônica da literatura inglesa, *The Picture of Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Porque somos inevitavelmente delineados como a história nos moldou, Chinua Achebe escreve em inglês, é cidadão de uma ex-colônia britânica, e embora o seu romance nos fale de modo tocante de uma Umuófia onírica e saudosa, não pode olvidar o fato de que o Império legou aos africanos uma consciência identitária sempre movente. Na ocasião da escrita do romance, em 1958, a língua inglesa era, senão a única, mas a mais apropriada ferramenta dominada por ele: sem ela, ele estaria fadado ao silêncio, ou melhor, talvez como o Marlow de Conrad, ainda estivesse viajando nas noites dos nossos primórdios.

Referências Bibliográficas

ACHEBE, Chinua. An Image of Africa: Racism in Conrad's 'Heart of Darkness'. **Massachusetts Review**. 18. 1977. pp.251-261.

_____. **O Mundo se Despedaça**. Trad. Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Ática, 1983.

CONRAD, Joseph. **O Coração das Trevas**. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Schwarcz, 2008.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Paulo: Claraluz, 2008.

LÊNING, Vladimir Ilich. **Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo**. Trad. Olinto Beckerman. 4. ed. São Paulo: Global, 1987

MEMMI, Albert. **Retato do descolonizado árabe-muçulmano e de alguns outros**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

NJENG, Eric Sipyinyu. Achebe, Conrad, and the Postcolonial Strain. CLCWeb: Comparative Literature and Culture 10.1 (2008) Disponível em <http://docs.lib.purdue.edu/clcweb/vol10/iss1/3>. Acesso em 04 de Outubro de 2012.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Schwarcz, 2011.

SANTIAGO, Emerson. Histoire de la colonisation belge du Congo (em francês). Disponível em <<http://www.cobelco.info/>>. Acesso em: 17 set. 2011.

SILVA, Kalina Vanderley & SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2010